28 DE NOVEMBRO

Orgão da Commissão eleita no comicio popular de Guimarães em 29 de novembro de 1885

Numero 5 | **Publicação semanaria e gratuita** | Janeiro 18 de 1886

«Guimarães pede para ser desannexado do districto de Braga, e fazer parte do districto do Porto. Se os seus interesses estão mais ligados com o Porto do que com Braga, como allegam, parece-nos a pretenção perfeitamente justa. O districto do Porto já é grande, ficará maior, e o de Braga ficará mais pequeno. Não vemos n'isso inconveniente serio. As agrupações territoriaes para os fins administrativos devem ser feitas segundo as tendencias e os habitos das populações, segundo o agrupamento dos seus interesses, e não segundo regras de proporção e de symetria.»

(*Jornal do Commercio*, n.º 9606, 3 de dezembro de 1885).

Guimarães 17 de janeiro de 1886

O lugar de honra do *28 de Novembro* pertence innegavelmente ao brilhante relatorio e ao projecto de lei que na camara dos senhores deputados apresentou um dos seus mais illustres membros, o exc.mo snr. dr. João Ferreira Franco Pinto Castello-Branco, representante por Guimarães. S. exc.ª desempenhou briosamente a sua promessa, e d'este lugar diremos a s. exc.ª que o seu nome é pronunciado n'este concelho com veneração e estima, e que na sua gloriosa carreira parlamentar o hão de acompanhar nos seus triumphos os corações dos vimaranenses, cuja causa tão nobremente desposou.

Senhores:

A rivalidade tradicional e existente entre os concelhos de Guimarães e de Braga é um facto geralmente sabido por todos ou quasi todos os membros d'esta camara.

Essa rivalidade aggravou-se, chegando ao seu maior grau de intensidade, com os acontecimentos occorridos na cidade de Braga no dia 28 de novembro ultimo, que não é preciso relatar por sobejamente conhecidos e geralmente lamentados.

Urge, pois, a adopção de uma medida, que, pondo fim ao mal-estar reciproco dos dous concelhos rivaes, favoreça a indispensavel harmonia entre os mesmos concelhos e os seus respectivos districtos.

A desannexação do concelho de Guimarães do districto administrativo de Braga, para de futuro ficar pertencendo ao do Porto, parece-me ser a unica aconselhada como satisfazendo plenamente áquelle intuito.

É que por um conjunto de circumstancias bem apreciadas e conhecidas em todo o norte do paiz, se com o decorrer do tempo hão crescido sensivelmente as incompatibilidades do concelho de Guimarães com a capital do seu districto, para uma vida administrativa em commum, pelo contrario as suas relações com o districto e muito especialmente com a cidade do Porto, tem augmentado dia a dia em intensidade e mutua sympathia.

Ao passo que as antigas mas nunca esquecidas questões da directriz do caminho de ferro do Minho, do prolongamento do caminho de ferro da Povoa, cavavam fundo na estima reciproca das duas cidades minhotas, por um antagonismo de interesses sempre crescente, a abertura do caminho de ferro de Bougado, pondo em communicação directa e rapida Guimarães com o Porto, e o desenvolvimento das relações commerciaes entre as duas cidades, decerto as mais industriaes de todo o norte, fizeram brotar espontaneamente, e de ha muito, o desejo de apertar cada vez mais os estreitos laços que já as prendiam.

Por isso nos comicios, que em Guimarães se realisaram, logo depois do dia 28 de novembro, o pedido da annexação ao districto do Porto, exploiu não como um desforço sentimental e apaixonado, mas como a affirmação de um facto ha muito latente no espirito publico.

Ha mais de um anno que a *Revista de Guimarães*, publicação da benemerita e illustre Sociedade Martins-Sarmento, se fez echo do desgosto geral, e n'um artigo de critica ácerca da economia districtal em relação ao concelho de Guimarães terminava com esta acerba ironia: «*Por este preço pagamos nós a honra de pertencer ao districto de Braga.*»

Existirão, porém, alguns factos de ordem material ou de interesse geral que se opponham á fervorosa pretenção que este projecto de lei busca satisfazer?

Absolutamente nenhuns.

O concelho de Guimarães é limitrophe n'uma grande extensão do districto do Porto pelos concelhos de Santo Thyrso, Louzada e Felgueiras.

Tem hoje ligação directa e facil por quatro comboios diarios com a cidade do Porto.

É pela barra do Porto que entram e sahem as materias-primas e os productos da sua industria. É com o Porto que se prende quasi inteiramente o viver economico de terra tão largamente trabalhadora. Portanto, nenhum obstaculo material existe, e tantas razões de ordem superior estão demonstrando a sensatez do seu pedido.

Por outro lado a existencia do districto de Braga, como circumscripção administrativa, não periga de fórma alguma com a desannexação de Guimarães.

Braga é hoje o quarto districto do reino quanto a população e riqueza.

Com a approvação d'este projecto de lei descerá apenas um grau, ficando ainda o quinto com relação aos mesmos pontos, e portanto em condições de vida bem mais desaffrontada e prospera do que os dezeseis restantes districtos do reino.

Senhores: A approvação d'este projecto de lei será finalmente mais uma consagração dos principios liberaes.

Uma representação contendo mais de 4:000 assignaturas, quasi tudo o que da população masculina e maior *no concelho saberá lêr e escrever*, acaba de ser entregue ao poder executivo.

Representações de todas as corporações administrativas e das diversas associações do concelho virão em breve ao parlamento.

E ninguem ousará pôr em duvida que as manifestações da vontade dos cidadãos, quando livres e espontaneas, conforme aos principios, e sem offensa dos interesses geraes da nação, constituem o melhor criterio para avaliar e decidir dos seus direitos.

Em face, pois, de uma tão eloquente unanimidade de sentir e querer, o espirito liberal d'esta camara, a mais genuina representação da vontade popular, ha de por certo acolher benevolamente e conceder a sua approvação ao seguinte projecto de lei, que eu tenho a honra de submetter á sua sabedoria:

Projecto de lei

Art. 1.º O concelho de Guimarães é desannexado do districto administrativo de Braga, e fica pertencendo ao do Porto para todos os effeitos administrativos e politicos.

§. 1.º As juntas geraes dos districtos do Porto e de Braga serão convocadas extraordinariamente, logo que este projecto seja lei do paiz, afim de procederem a uma nova distribuição dos procuradores á junta geral pelos respectivos concelhos, tendo em vista a remodelação approvada por este art. 1.º

Art. 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Sala das sessões da camara, 13 de janeiro de 1886. O deputado pelo circulo de Guimarães — *João Ferreira Franco Pinto Castello-Branco.*

*

O resultado das diligencias da commissão portadora da representação popular era anciosamente esperado.

No dia 13 á noite soube-se por varios telegrammas que fôra pelo illustre deputado por este circulo, dr. Franco Castello-Branco, apresentado o projecto de lei para annexar este concelho ao districto do Porto, e a noticia espalhou-se immediatamente pela cidade, radicando-se em todos os espiritos a esperança de que nossos desejos seriam emfim satisfeitos.

A alegria foi geral.

Muitas e justificadas eram as razões para esta expansão popular. Braga não tinha cessado um momento de nos injuriar por meio da sua imprensa, e os habitantes de Guimarães, excitados pelas provocações de um odio tão insistentemente demonstrado, viram na simples apresentação do projecto a aurora da sua emancipação de uma tutela, que se tem traduzido pela injustiça, e de uma camaradagem que se manifesta pelos desgraçados acontecimentos e factos já bem sabidos.

No dia 15 eram lidos com avidez os jornaes

onde vinha transcripto o relatorio e o projecto de lei, que acima publicamos.

O relatorio está excellentemente elaborado e sobretudo exactissimo na indicação das causas do conflicto e na sua apreciação.

Nas parochias ruraes a apresentação do projecto causou maravilhoso effeito.

Por mais fleugmatico que seja um povo ha sempre uma cousa que quasi nunca perdôa: é que o ultrajem. Ora os habitantes de todo o concelho de Guimarães julgavam-se com direito ao respeito de todos, e por isso mui dolorosamente os impressionou o procedimento de Braga, que, sobretudo desde 28 de novembro, levou a todos os espiritos a convicção de que se este concelho não fôr desannexado do districto a que tem andado unido, será mais que nunca o alvo de todas as prepotencias, a victima de todas as injustiças, e contribuinte forçado de todas as inuteis despezas, que sob o nome de districtaes, serão destinadas ao aformoseamento e proveito exclusivo de Braga.

Todos, ainda os menos instruidos dos nossos aldeões, sabem que esta questão é de vida ou de morte para Guimarães, que, vencida n'este conflicto, jámais poderá luctar contra as despezas imminentes de centenares de contos de reis, para as quaes este concelho tem de contribuir com grande somma de dinheiro, que, no estado em que se acham a agricultura e as industrias, custa muito a ganhar. A mais rudimentar experiencia das cousas mostra que não é um districto sobrecarregado de encargos que póde espalhar no nosso concelho a prosperidade, de que vemos gozar os nossos visinhos do districto do Porto, sobretudo quando conhecemos facilmente o plano preconcebido de deixar o concelho de Guimarães abandonado aos seus unicos recursos, o meio mais efficaz de fazer estacionar o seu desenvolvimento e progresso emquanto Braga avança á custa alheia.

O que nos espera continuando a fazer parte do districto de Braga é entre todos os males que estamos soffrendo, a carencia de estradas que sangrem tantos valles ferteis, tantas ribeiras uberrimas, que não estão ligadas ao movimento e vida geral do paiz, senão por caminhos pessimos, de difficil senão impraticavel transito.

É triste o confronto do nosso concelho com os concelhos do districto do Porto, com os quaes convisinha; estes são verdadeiros jardins, recortados por numerosas e faceis vias de communicação e embellezados por obras d'arte, e tudo isto a par de pequenas contribuições para os povos, e de uma equitativa distribuição dos dinheiros districtaes. Ora as populações ruraes, a quem as necessidades do seu trafico agricola obrigam a percorrer o districto do Porto, voltam com o coração confrangido, quando contemplam a prosperidade dos povos pertencentes ao districto portuense, e o abandono e a incuria em que se encontra o seu proprio concelho, não obstante pagarem para o districto quasi 3 vezes mais do que pagam os do districto do Porto.

Emquanto que de Braga nada ha a esperar, como a longa experiencia tem exuberantemente demonstrado, e não só não ha nada a esperar, mas ainda ha pelo contrario a recear o aggravamento dos encargos e impostos, vemos no districto do Porto os concelhos saturados de estradas, cheios de outros muitos melhoramentos, e pagando pequenos tributos.

Nas freguezias ruraes existem muitas relações com o Porto, já porque muitas quintas são possuidas por portuenses, já pelas relações commerciaes e transacções agricolas que os nossos lavradores entretem com os concelhos d'aquelle districto, e o conhecimento que todos tem da optima administração da junta geral do Porto, faz crêr que gozaremos alli do respeito de que somos credores e da prosperidade a que aspiramos.

Foi por isso que a apresentação do projecto de lei causou grande enthusiasmo nas populações ruraes, mesmo n'aquellas confinantes com Braga; e a prova é que tendo a camara municipal d'este concelho representado pedindo aos senhores deputados que seja approvado o projecto de lei, todas as juntas de parochia tem representado no mesmo sentido, inclusivamente as das freguezias limitrophes de Braga.

Vão representar todas as corporações e associações da cidade, mesmo a associação dos proprietarios e lavradores do concelho de Guimarães, recentemente creada, que vai inaugurar a sua existencia protestando em nome da propriedade urbana e rural contra a permanencia d'este concelho n'um districto, onde nenhum auxilio tem recebido.

Espalharam-se varios supplementos de jornaes de Braga e proclamações convidando o povo bracarense a um *meeting* que tinha sido annunciado ao principio como *districtal*. Em Guimarães a noticia causou unicamente estranheza, por tão brevemente se patentear a incoherencia de Braga: até agora empurrava-nos para o Porto; desde que viu possibilidade de irmos, grita que a querem roubar!

De resto as cousas estão tão adiantadas, o espirito publico tão compenetrado de sua justiça, que tudo é preferivel a pertencer ao districto de Braga.

Nunca houve questão de tanto interesse para Guimarães, e, o que mais é, em que o povo tanta paixão tomasse.

No dia 14 vieram ás Taipas varios cavalheiros bracarenses, ou com mais exactidão, alguns bracarenses e outros vimaranenses mas residentes em Braga, com o intento de seduzir os povos d'além-Ave promettendo-lhes carros Ripperts, formação de concelho nas Taipas, estradas, etc.; mas o certo é que aquelles povos conhecendo o laço que lhes pretendiam armar não cahiram n'elle. Fartos de promessas são os de Braga; mas as promessas são como as suas festas: *farellorio*.

O *meeting* bracarense augmentou, se era possivel, a indignação do povo de Guimarães contra Braga, porque pelas correspondencias vê-se que não é a estima, a sympathia que se invoca para reter o concelho de Guimarães no districto, mas o orgulho de Braga e o interesse, como se um concelho tão importante como Guimarães seja uma mera cousa de Braga!

Fique o paiz certo que é tão fundo o abysmo aberto entre Guimarães e Braga, tão enraizado o antagonismo provocado pelos actos e desprezos e injurias da cabeça do districto, principalmente desde que Guimarães se capacitou que é o dinheiro de seus impostos o unico motivo que leva os bracarenses a oppôrem-se agora á sua sahida do districto, que á inimizade antiga se acrescentou o sentimento de repulsa contra tal mesquinhez de espiritos. Isto é o unanime sentir do povo vimaranense.

Os habitantes do concelho de Guimarães conservam-se perfeitamente unidos, e aguardam serenos o resultado dos seus esforços.

A questão topographica

Vale ou não a pena considerar a nossa pretensão n'este ponto de vista especial? Dos nossos adversarios uns dizem abertamente que sim, outros que não são da maior importancia as razões que se podem deduzir da topographia. Em todo o caso vejamos.

O concelho de Guimarães é limitrophe do districto do Porto por todo o seu lado sul, e portanto é evidente que lhe póde ser annexado. Mas pelo NO. confina tambem com o de Braga, a séde do districto. Poderá esta ultima circumstancia pesar de qualquer maneira na resolução da nossa pretensão?

Se tal circumstancia tem algum valor, Espozende tambem deveria ser annexado a Vianna, pois que pelo norte confina com a cabeça do districto. E Barcellos apresentar-nos-hia um problema irresoluvel, por isso que é limitrophe das sédes de dous districtos.

O concelho de Guimarães annexado ao districto do Porto não será pelo sul a unica reintrancia, que este fica tendo no de Braga, na margem direita do Ave e Vizella. Os concelhos de Villa do Conde e Povoa estão n'esta ultima situação. Será um escandalo? Mas elles lá estão, e estarão, ainda que Braga sáia para a rua com dez philarmonicas, dez hymnos da Maria da Fonte, e a geral indignação de todas as *classes e condições*. Estes concelhos saltam para áquem do Ave, destruindo a chamada regularidade de linhas. Guimarães annexado ao districto do Porto fará outra reintrancia, nada mais.

Os povos de qualquer concelho não têm necessidade de passar por Guimarães para irem a Braga. Celorico e Cabeceiras estão ligados a Braga por uma estrada districtal, e os de Fafe podem tambem ir tomal-a ao norte no concelho de Vieira ou no da Povoa de Lanhoso. Se seguirem por Guimarães é por maior commodidade, justamente como nós hoje vamos muitas vezes para Braga por caminho de ferro, passando assim pelo districto do Porto.

O «meeting» do dia 17 em Braga

Verdadeiramente phantastico!

O scenario é pouco mais ou menos o mesmo que o dos *meetings* do dia 28 e 29 de novembro; os actores são os mesmos. Como então, fraternisam todos os partidos e fragmentos dos partidos politicos, e, como então, os chronistas acham o espectaculo imponente. A cratera da indignação, ainda como n'aquelles gloriosos dias, referve no meio da assembléa; foi aquecida do sabbado para domingo e calculou-se que havia de fazer explosão a uma hora, marcada pelo chronometro dos vereadores da terra. Sim; ha a maior os vereadores com o seu estandarte, e as portas das casas estão fechadas, não se percebe bem para que. É domingo.

De resto, trata-se, sempre como nos dias 28-30, d'uma santa causa, nada menos d'esta vez que a defeza da integridade do territorio...

Os oradores ageitam-se para carregar a fundo os invasores com a espada flammejante da rhetorica mais patriotica, e, ao que parece, lá fóra os Tirteus afinam as gaitas, que hão de levar os braguezes á guerra, se o inimigo não recúa ao trom das hypotyposes e insistir no intento de lhes arrancar um pedaço dos seus dominios. Mas o inimigo? Será ainda a desdentada e paralytica Guimarães, que os bracarenses mandaram pastar, como o cavallo lazarento de Tolentino? Não. Nem uma palavra offensiva para Guimarães, affirma um chronista: o alforje dos ultrajes está já vazio, nem Guimarães é cousa que possa ser tomada a sério — está dito e re-

dito. O inimigo, contra quem se fazem estes preparativos bellicos, é o parlamento e sobretudo o governo. Pelo que, mal sôa a hora, preestabelecida para a erupção das lavas indignadas, as lavas começam a jorrar pela bocca dos tribunos.

Um deputado governamental declara que fará ouvir a sua voz no parlamento com o maximo desassombro e empregará todos os *ultimos recursos*. Não se sabe verdadeiramente que ultimos recursos serão estes; os da glotte decerto não.

Um proprietario clama que, *se o governo e o parlamento não attender as reclamações de Braga*, é de voto que a capital do districto *corte as suas relações com o governo central*. Isto já se entende bem; e o chroniqueiro cuja narrativa seguimos, maior de toda a suspeição, porque é bracarense, commenta: «A assembléa *manifestou-se enthusiasticamente, abraçando tão sympathica e generosa ideia e emancipando-se da tutella da entidade governo...*»

Um miguelista abunda nas idéas dos oradores precedentes, acrescentando — diz outro informador — que, quando as vozes braguezas não forem attendidas, ainda «*restam as boccas dos sinos dos campanarios.*»

Para frisar o contraste com o preopinante miguelino, apparece um padre, que começa por fazer a apologia da revolução franceza e acaba por horrorisar-se com a ideia de que a Senhora do Sameiro possa ir para o Porto. Brada que são necessarios *remedios heroicos; quebrar as relações com o governo central* e n'um *crescendo* de indignação e de fifias entra a berrar: Aqui d'el-rei, ladrões! Os ladrões são o parlamento e o governo, que intentam *esbulhar o districto de Braga d'um concelho que sempre lhe pertenceu*, levando entre as preciosidades do saque o Sameiro com a sua Senhora. A assembléa, observa o commentador, saudou o orador «*com delirio por traduzir bem o pensamento e o sentir do meeting.*»

Elle, orador, já tinha prevenido os patriotas que ia pôr os pontos nos ii; mas não se vê em boa verdade que os seus ii tenham mais pontos, que os dos oradores precedentes, d'onde é licito inferir que este tachygrapho do *meeting* deixou no tinteiro os melhores pontos dos ii do furioso sacerdote. Que taes seriam elles?

Os ii sem taes pontos já são porém extremamente eloquentes e escusamos de nos cançar a percorrer mais caminho, visto que o *pensar* e o *sentir* do *meeting* foi tão bem comprehendido e formulado pelo apologista da revolução de 93 e da Senhora do Sameiro, que chegou a causar delirio.

A assembléa ficou n'isto: empregar remedios heroicos, quebrando relações com *tutti quanti* teimassem em esbulhar Braga d'um concelho que sempre lhe pertenceu, fosse o usurpador o parlamento, o governo, ou qualquer entidade, a que alludissem as reminiscencias da revolução franceza.

É de advertir que a commissão, filha purissima do *meeting*, encarregada de levar ao governo na dobra das suas togas a paz ou a guerra, foi acompanhada até Nine pelos Tirteus que sopravam nas suas frautas o hymno da Maria da Fonte — a marselheza lusitana, accentúa um narrador — regendo o côro: «Eia ávante, bracarenses!», cantado por numerosos patriotas [1], emquanto uma turba ainda mais crescida fazia o mesmo pelas ruas da cidade, electrisando moços e velhos com aquelles cantos nacionaes sublinhados.

Não póde pois estar mais bem definida a attitude da cidade de Braga, mercê dos Demosthenes do dia 17, que não tiveram papas na lingua. A cidade de Braga não é a capital d'um districto; é a capital d'um pequeno reino, que se foi formando mysteriosamente debaixo da terra, até rebentar de repente como um tortulho, do dia 17 para o 18, do sabbado para o domingo. Comprehende-se agora em todos os seus contornos o procedimento de Braga com Guimarães desde o dia 28 de novembro; era já o exercicio da sua soberania em embryão sobre um povo tributario, uma pertença do seu imperiosito, adquirida não pela conquista das armas, mas pela posse pacifica da chuchadeira de mais de meio seculo. O concelho de Guimarães é uma possessão da cidade de Braga e ai! de quem tentar furtar-lhe aquella gallinha d'ovos d'ouro, esbulhal-a d'aquelle territorio que sempre lhe pertenceu! O parlamento? o governo? Que tem o parlamento e o governo com os territorios do imperio braguez? Querem attentar contra a integridade d'aquelles territorios? Mas não conhecem Braga, nem a heroicidade, o brio, o pundonor d'ella, quando se trata de defender as suas gallinhas d'ovos d'ouro e a inviolabilidade dos seus direitos senhoriaes. Que venha o parlamento, o governo; que venha o governo com as forças do continente e do Ultramar reunidas, e correrão rios de sangue. Ao primeiro grito d'alarme, os miguelistas correrão o reino de Braga fazendo fallar as boccas dos sinos e mostrando ao seu povo que o inimigo pretende dar em terra com a religião, levando o Sameiro e a Falperra para o club d'Aguardente; os partidos politicos, que se esfarellam alli como pão de brôa, tornar-se-hão infinitamente mais numerosos, armando de chuços e fouces roçadouras os seus sequazes, e... o mais que se póde imaginar.

Em vez de imaginar taes horrores, moralisemos. Tudo aquillo foi uma comedia, representada por certos maganões, bastante ingenuos para acreditarem que com telegrammas e supplementos de jornaes se póde convencer o paiz de que a cidade de Braga não tem mais que fazer do que indignar-se de dous em dous mezes, e sempre por motivos tão ponderosos e tão vitaes para o organismo da sociedade portugueza, que toda ella estremece nos seus fundamentos, se ha um *meeting* n'aquella terra. E tão adoraveis são estes comediantes, que, tendo ainda ha pouco tempo assustado a nação inteira, contando-lhe que todas as classes e condições de Braga estavam tão indignadas, tão fulas, mas ao mesmo tempo tão justamente indignadas contra os procuradores de Guimarães á junta geral do districto, que tiveram de expulsal-os á pedra e á lama do seio d'aquella corporação, veem agora dizer-lhe que as mesmas classes e condições estão outra vez indignadas e justamente indignadas, porque se falla n'um projecto de lei, que desannexa o concelho de Guimarães do districto, d'onde foi brutalissimamente expulso!

A comedia produzirá certamente o effeito opposto ao que os ingenuos calcularam; mas nós temos de agradecer-lh'a cordialmente. As philarmonicas braguezas podem estafar á sua vontade os echos da sua cidade; todas as classes e condições da mesma cantar dia e noite quantas trovas semi-revolucionarias lhes lembrarem; os seus *meetings* fabricar quantos obuzes quizerem, que o districto o que fará é rir-se d'estes guerrilheiros que seguem a prudente sentença: «preparemo-nos e vão.» Mas o que fica bem em evidencia — e isso pede bilhetes de agradecimento da nossa parte — é que desde o famoso 28 de novembro até á data em que escrevemos, em Braga não ha rei, nem roque; ha a mais genuina das anarchias.

É de vêr que se o governo tivesse alli um representante, não se admittia a possibilidade d'um *meeting*, como o do dia 17, em que o thema dominante e insistente consiste em prégar a rebellião contra as decisões do parlamento e contra o governo.

Aquillo foi possivel, porque desde o dia 28 o delegado do governo se sumiu pela terra abaixo e a *cidade* de Braga ficou no poder dos anarchistas da rua d'Agua, que expulsaram os procuradores de Guimarães da junta do districto, e na dos 4:000 que em seguida deram a este parlamento provincial uma nova organisação, segundo a qual elle ficou a funccionar a sabor dos *interesses da cidade* e não conforme as conveniencias dos concelhos, e sem importar-se com as declarações dos membros da junta «velha», que se diziam coactos. Hoje os corajosos anarchistas levantam mais alto as suas aspirações, depois d'aquella conquista; pretendem que até o parlamento nacional resolva as questões, como o exige a *cidade* de Braga e os seus *interesses*; senão vai tudo razo! Divinos!

Estranhe quem puder, depois de tudo isto, que o concelho de Guimarães rompesse as relações com a cidade rebelde, por não reconhecer alli authoridade alguma legitima. Qual? As corporações districtaes, reformadas pelos sediciosos? Então aquillo são entidades legitimamente constituidas?! O delegado do governo? Que é d'elle? Em Braga, desde 28 de novembro, aquelle lugar está vazio, tão vazio que se prégа a guerra «santa» contra o governo, e o seu representante brilha pela sua ausencia.

Quem estava fóra da lei era Braga a sediciosa, Braga a rebellona. Ella não podia ser intermediaria entre o concelho de Guimarães e o governo central, porque rompera violentamente o elo que prendia o concelho ao districto, o districto ao governo central.

Havia catacegos que punham isso em duvida? Ahi têm os factos do dia 17 e subsequentes com a brutalidade de todos os factos. A declaração da cidade de Braga gritando nos *meetings* que romperá as relações com o governo, que resistirá ás leis votadas em côrtes, tem valor pela franqueza; mas era superflua, porque virtualmente todas as rebeldias, que ella contém, existem desde o dia 28 de novembro na capital do imperio braguez.

«Scripta manent»

Desde que fomos expulsos da junta geral do districto até ao dia 15 de janeiro «os directores da mentalidade bracarense» escreviam:

«Se Guimarães nos quer ingratamente deixar, faça-o; mude d'ares.» (*O Constituinte*, n.º 539).

«Querem ir para o Porto? Pois vão com Deus. Ninguem de Braga os vai esperar ao caminho. Boa viagem, senhores, e por lá muitos annos. Podiam ter principiado por dizer isso.» (*A Voz do Districto*, n.º 13).

«E então nós os bracarenses estamos tão contristados com os desejos d'aquella santa genti-

[1] Estes patriotas seriam 5:000, conforme o calculo d'um correspondente para um jornal do Porto, e, segundo affirma uma folha d'esta cidade, não pagaram o transporte nem á ida, nem á volta, por mais diligencias que os empregados do caminho de ferro fizeram para isso. Se estavam em revolução!

nha, que nos é completamente indifferente que ella continue, ou não, a fazer parte do nosso districto. Para o Japão é que elles deviam ir, certos de lhe ficarem muito bem taes sentimentos, e de alli fazerem excellente figura. Que marchem para lá com a ponte, e com a sé, e com o palacio, e que nos deixem.» (*A Folha de Braga*, n.º 196).

«Vão com Deus, irmãosinhos. Não fazem cá falta nenhuma.» (*O Commercio do Minho*, n.º 1912).

«Guimarães quer ir-se para o Porto; em boa hora e descarreguem assim o seu odio estulto. Que o berço da monarchia e o da *liberdade* se deem abraços de fresca confraternidade pouco importa; que reliquia da idade média vá decorar os brazões da cidade do *progredior* é justo; que a casaca espatifada de D. João I, e a collegiada tradicional da Oliveira vão para o club republicano e para Santo Antonio da Aguardente, é até muito conveniente. Guimarães cortará as unhas de gato com que pretende a cada passo arrebunhar a Braga fiel; as aspirações audaciosas e lorpas de Guimarães ficarão abafadas, sepultando-se para sempre no bojo voraz do Porto.» (*Idem*, n.º 1913).

«Já depois d'escriptas as linhas acima, soubemos que telegrammas particulares annunciaram aos nossos visinhos d'além-Falperra que estava no papo do Porto a villa de Guimarães. O governo vergou-se a uma força que nós cá sabemos... Nós, que não fômos surprehendidos pela noticia, endereçamos parabens ao povo de Braga pela desannexação d'uma tribu selvagem que nos incommodava com os seus uivos... Aos de Guimarães, a esses parias que não tiveram o gosto de serem tomados a serio por nós, felicitamol-os tambem... Despedimo-nos pois sem lagrimas da velha, desdentada e paralytica Guimarães, recitando-lhe, como adeus:

Vai, misero cavallo lazarento,
Pastar largas campinas livremente.»

(*Idem*, n.º 1917).

«A intriga vimaranense, mercê das potencias monetarias, vai ganhando terreno. Diz-se que o governo está disposto a fazer seu o absurdo projecto... Vá Guimarães para onde lhe aprouver, que não deixa saudades. A sua illustração verdadeiramente medieval, a sua actividade d'altruismo duvidoso e os seus progressos infinitamente inferiores aos nossos são cousas que não ennobrecem o districto... Braga não deve dar um passo que manifeste o mais leve pezar. A indifferença, em determinados casos, é arma poderosa. Accendamos um charuto e deixemos correr... Guimarães. *Vale!*» (*O Amigo do Povo*, n.º 801).

Posto não entre no nosso plano forragear nas correspondencias dos braguezes para os jornaes de fóra da sua terra, abrimos uma excepção em favor do correspondente da *Provincia*, n.º 166, por mencionar a noticia de que Braga ia auxiliar-nos no pedido da nossa desannexação, produzindo razões de truz. Escreve o correspondente:

«Aqui tambem se falla em pedir ao governo, de commum accordo com o concelho da Barca, para este ser annexado a Braga e o de Guimarães ao Porto, *visto que a receita que nos vem d'este ultimo concelho não chega sequer para as despezas que com elle se fazem.*»

Francisco Martins Sarmento

A surpreza de Braga

A surpreza com que n'estas alturas Braga diz ter recebido a noticia da apresentação do projecto de lei para a annexação do concelho de Guimarães ao districto do Porto, parece-se com os improvisos preparados em casa.

Ha mais d'um mez que Guimarães fez *meetings* sobre *meetings*, nos quaes o digno deputado por este circulo, o snr. Franco Castello-Branco, prometteu solemnemente apresentar o projecto alludido. Os jornaes e correspondentes de Braga noticiaram a promessa, commentando-a com chacotas e manifestações de regosijo por se verem livres d'este cancro roedor que a devorava.

Até o proprio dia do *meeting* bracarense e ainda depois a imprensa d'aquella cidade afinava por este tom sem protesto de pessoa alguma d'alli.

D'onde vem, pois, agora a surpreza serodia?

Acaso pensavam que o snr. Franco Castello-Branco seria capaz de faltar á sua promessa? Porventura entendiam que em vista da indisposição reciproca e da commum vontade que os dous povos, bracarense e vimaranense, tão accentuadamente mostravam de se separarem, o governo podia seguir outro caminho?

Extravagancia notavel!

Em verdade a surpreza bracarense surprehende-nos; mas o que sobretudo nos espanta é a feroz indignação de que á ultima hora se pintam dominados os habitantes d'aquella cidade.

Pois occupam-se perto de dous mezes a despejar sobre Guimarães montões de lixo; chamam-nos *parias, terra dos couros cortidos e dos pentes de chifre, e cavallo lazarento que deitam á margem*; proclamam, como UMA GLORIA DO POVO DE BRAGA o attentado contra a VILLA DO BERÇO, a DESDENTADA e PARALYTICA GUIMARÃES, e indignam-se depois porque nós não queremos continuar a fazer camaradagem com tal gente?

Os nossos illustres visinhos collocaram-se em situação semelhante á do irmão que se queixa *urbi et orbi* dos sacrificios a que o obriga outro irmão com quem vive e cujas qualidades publicamente menoscaba; mas que se o vê preparar as malas para se ir abrigar a novo tecto desata a clamar contra a lesão que lhe traz a separação. Com franqueza, esta posição não é limpa.

Em tudo a logica é inexoravel. Sociedade, onde os associados vivem mal, rompe-se.

No caso sujeito ha mais: Braga e Guimarães não vivem só mal, e não podem viver unidas, porque a primeira d'estas cidades impossibilitou a segunda de se fazer representar na junta geral, onde se trata dos seus interesses, e se ventilam os seus direitos.

Pois quem será que se atreva a ir lá discutir e votar segundo a sua consciencia sabendo que se arrisca a ser assassinado e que o assassinato não só ficará impune, mas até será festejado, *como uma gloria*, pela terra que se pavonéa com o nome de Roma Portugueza?

Os bracarenses sensatos reconhecem isto, e já se agarram ás paredes para justificar o reviramento vergonhoso.

«A desannexação não nos importa — diz o correspondente de Braga que attribue aos ferreiros da ponte a phrase *christianissima* de que se soubessem que eram os de Guimarães nem a alma lhes deixavam, — mas o que não supportamos é vêr das nossas janellas o districto do Porto.» Pobre Porto, que parece ser ainda para a cidade dos arcebispos o espectro pavoroso dos tempos em que esta era *fiel* e elle era *ladrão!*

Ainda bem que podemos dar um alegrão ao pio correspondente. Guimarães não levará comsigo para o Porto a vertente da Falperra que olha para Braga, e a não ser que o illustrado articulista possua vista de gancho, continuará a não soffrer o desgosto de vêr das suas janellas o districto da sua antipathia.

Mas caso mais grave se apresenta. Um jornal bracarense, o que mais denodadamente nos tem empurrado para fóra do seu districto, arde agora em religiosa ira por se lembrar de que a projectada annexação *rouba a Braga o Sameiro que tanto dinheiro lhe tem custado, e entrega-o ao Porto, o secularisador das capellas e casas religiosas.* Tal impiedade é que Braga não consentirá! — assevera o mesmo jornal.

Nem menos se insurgirá — acrescenta uma proclamação — contra o acabamento das alegres romarias de Santa Martha, consequencia fatal da união ao *secularisador* districto!

Tudo isto é tetrico e a gente, menos confiada na protecção divina, ao lêl-o está já a vêr o mestre-escóla pela mão do snr. Vasques de Mesquita a assentar banca na formosa capella-mór de Mathosinhos e as romagens folgazãs, que a milagrosa imagem alli attrae, reduzidas apenas a saudosa recordação na memoria dos fieis.

Felizmente, para socego dos bracarenses piedosos, podemos asseverar-lhes que as capellas do Sameiro e de Santa Martha estão em terreno do concelho de Braga.

Crêmos indispensavel acudir-lhes com esta affirmativa, porque, a julgar pelo que diz a imprensa da Roma Portugueza, é lá quasi corrente que no Porto não ha já igreja em pé, nem padre vivo.

Não admira. Se elles só em se lembrarem de vêr aquelle districto se estorcem em calafrios! A nós, a quem a cidade da Virgem não inspira senão viva sympathia, só nos resta deplorar que tambem sobre ella se cuspam injurias immerecidas.

Mercê de Deus, ainda por lá não reina nenhum Henrique VIII. O culto catholico pompéa, fervoroso, n'aquella terra, como em nenhuma outra do paiz, e até as romagens, as taes alegres romagens sobre que chora o articulista de Braga não são alli nem menos festivas nem menos concorridas. É verdade que a de Santa Eufemia soffreu uma amputação. O costume secular que tinham os romeiros de comprimentar voz em grita os transeuntes da cidade com uma phrase finalisada pela palavra de Cambrone, foi expropriado por decencia publica.

Parece-nos, porém, que este facto não fornecerá aos nossos visinhos mais um argumento para nos contrariarem.

Porto — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70